

Somos todos Estado Islâmico?

Guilherme Curi¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

A partir da presente indagação, o artigo busca refletir sobre a dependência da cultura ocidental na construção simbólica e discursiva do mundo árabe e o chamado “choque de civilizações”, tido aqui, a priori, como esboço simplista da contemporaneidade. Partimos da premissa do Estado Islâmico (ISIS) ser uma questão universal em vários sentidos - abordados no texto - e não somente do Oriente Médio, como assim é colocada e reproduzida deste lado do planeta. Além disso, representações como terrorismo, medo e barbárie são acionadas a todo momento de forma generalista, repletas de alusões ao imaginário coletivo em uma busca constante pela legitimação de discursos e práticas de vigilância.

Palavras-chave: Estado Islâmico; medo; universalismo.

Abstract

From this question above, this article aims to reflect on the dependence of Western culture in the symbolic and discursive construction of the Arab world and the so-called "clash of civilizations", which seems to be, a priori, as a simplistic outline of contemporaneity. We start from the premise of the Islamic State (ISIS) being a universal issue in many ways - covered and discussed in the text - and not only the Middle East, as is portrayed and reproduced on this side of the planet. In addition, representations as terrorism, fear and barbarism are powered at all times in a broad way, full of allusions to the collective imagination in a constant search for legitimacy speeches and surveillance practices.

Keywords: Islamic State; fear; universalism.

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-Pós/UFRJ). Pesquisador bolsista do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional (PNAP/FBN) 2014/2015.

“É preciso haver pelo menos dois para ser humano”.

(George W.F. Hegel)

Indagações iniciais

Busco aqui apontar para o fato de que a dicotomia colocada entre ocidente e oriente, europeus e árabes, nós e eles, o bem e o mal, parecem ser necessária para fomentar o mantimento da ordem vigente e políticas cada vez mais desastrosas onde o diálogo é tido como algo utópico e inalcançável. Compreender as várias e diferentes faces do que chamamos de globalização e refutar formas duais torna-se assim fundamental para o desmembramento de questões tão complexas e compostas. Eis o que motiva este breve estudo.

Tal reflexão é fruto em grande parte do legado teórico de Edward Said, ao apontar em sua obra mais importante, “Orientalismo”, publicada pela primeira vez em 1978, que a aceção pela qual se divide o mundo, “oriente” e “ocidente”, embora pareça uma inocente mera distinção, serve, na realidade, para intensificar as diferenças e impedir algumas tentativas de aproximação entre as culturas. Através da literatura e da arte produzida neste lado do planeta, Said procura destrinchar cronologicamente as principais obras sobre o Oriente e cita, como exemplo, a Divina Comédia, do italiano de Dante Alighieri, na qual o profeta Maomé é definido como “morador do inferno”.

Desta forma, antes de adentrarmos nas questões analíticas e de cunho teórico neste exercício científico, permito-me também esclarecer que a ideia do presente texto surgiu previamente aos últimos atentados ocorridos em Paris, França, na fatídica noite de 13 de novembro de 2015 quando cerca de 130 pessoas morreram e dezenas ficaram feridas. As autorias dos atos foram assumidas pelo grupo Estado Islâmico (EI), demonstrando ainda mais a necessidade de atentarmos para o tema.

Um dos primeiros questionamentos que faço é: a grande mídia ocidental, que se diz chocada com tais fatos, não seria a mesma que alimenta e propaga o sistema vigente, calcado em políticas regidas pelo medo? Basta um click no *google* e a visita a sites de tabloides franceses e britânicos para assistirmos à vídeos hollywoodianos do Estado Islâmico decapitando pessoas e praticando atos de extrema violência.

Para responder tais questionamentos de forma mais apurada e atenta, em um primeiro momento proponho aqui traçar, mesmo que de forma ligeira, a trajetória do

agora chamado “Estado Islâmico”, que por si só já suscita interrogações sobre conceitos de Estado-nação que se baseiam principalmente nas questões estruturais e econômicas os quais cada vez mais demonstram ser frágeis e até mesmo insustentáveis diante das mudanças e conflitos em um mundo no qual o medo e poder andam de mãos dadas.

Neste sentido, a vigilância cada vez mais se justifica e é legitimada a partir do combate daquilo que chamamos de terrorismo. Algo semelhante ao que Foucault (2013, p.191) sugere do efeito mais importante do Panóptico de Bentham, que seria “induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder”. Assim, partir do sentimento de um ataque “terrorista” eminente e constante nos principais centros urbanos do planeta, o indivíduo ocidental passa a acreditar que ao ser vigiado estará mais seguro. Um a sujeição real que nasce mecanicamente de uma relação fictícia, onde o a força não se faz necessária para tal controle.

Assim posto, afirmo que não tenho a intenção - muito menos espaço - para esmiuçar os detalhes históricos e também genealógicos que levaram ao surgimento e criação de tal grupo. O objetivo aqui é destacar os principais pontos e características contemporâneas e globais que levam às perguntas até aqui expostas.

Neste sentido, trato de como justamente o Estado Islâmico faz-se uso destes mecanismos de controle e medo de cunho global a partir da análise estética de um de seus vídeos que foram compartilhados na internet, suas ações discursivas e táticas.

Buscarei também demonstrar como o estereótipo do terrorista árabe é construído e reproduzido de diversas formas através de diferentes meios e dispositivos em um jogo dual, sedutor e violenta. Kojève (1996, p.35), ao analisar a obra de Hegel nos auxilia a refletir sobre a construção do *outro* na sociedade moderna ao sugerir o termo *reconhecimento* e afirmar que este processo seria então uma luta de vida e de morte. Segundo o autor, uma luta, pois “cada um irá subjugar o outro, todos os outros, por meio de uma ação negativa, destruidora. Fazer-se reconhecer e impor-se. É assim que a ideia de *reconhecimento* se acha indefectivelmente ligada a luta de poder”.

Indagar, hoje, a dicotomia imposta entre ocidental e oriental, questionar esta construção da figura do *outro* como algo que não nos pertence, torna-se mais do que necessário para compreendermos a sociedade global e de controle que vivemos.

1. Origens do Estado Islâmico

O Estado Islâmico (EI), também conhecido como Daesh ou ISIS, é um grupo sunita islâmico, criado a partir do braço iraquiano da Al-Qaeda, a conhecida rede responsável pelos ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos.

Com maior capacidade de recrutamento, mais estrutura e com um território conquistado entre o Iraque e a Síria, o EI tem atraído milhares de jovens do mundo todo. Segundo o Centro de Estudos do Radicalismo, mais de 20 mil estrangeiros de 50 países se juntaram a grupos sunitas radicais em 2014. Em outras palavras, grande parte dos integrantes do grupo não nasceu em território árabe, mas em diferentes partes do planeta, principalmente a Europa, provindos da periferia de grandes cidades ocidentais.

Desde a Primeira Guerra Mundial, uma organização armada não redesenhava o mapa do Oriente Médio e do mundo que havia sido configurado anteriormente por franceses e britânicos até o acordo de *Skyes-Picot*² após a queda do império otomano. Com a guerra de conquista, o Estado Islâmico (EI), antes conhecido como Estado Islâmico do Iraque e do Levante (al-Sham), EIIL ou EIISM está apagando as linhas das fronteiras determinadas por este acordo, estabelecido em 1916. Linhas estas impostas pelo o que chamamos de civilização ocidental.

Atualmente, o Estado Islâmico domina um território maior que o Reino Unido e muitos países latino-americanos, uma região que se estende do litoral da Síria até a área central do Iraque. Desde junho de 2014, essa região é denominada como Califado Islâmico, algo que deixara de existir com a fim do domínio otomano, em 1924. (Napoleoni, 2015). Apesar de estar presente somente nestes dois países, o grupo tem como objetivo ultrapassar as fronteiras do Líbano e da Jordânia no intuito de chegar ao território palestino na luta contra Israel. Para isso, tem conta com o apoio de parte do mundo muçulmano, além de exigir que todos jurem lealdade a seu líder (califa)³.

O Estado Islâmico, assim como Al-Qaeda anteriormente, possui clara relação com as conquistas do passado, algo reforçado pelos refugiados sírios e iraquianos ao afirmarem que a forma de governo talibã pouco ou quase nada difere do atual EI. As pessoas nesta sociedade são proibidas de fumar e usar câmeras, as mulheres não tem

² Com a queda do império turco, França e Inglaterra dividiram entre si o Oriente. Coube aos franceses o Líbano e a Síria, enquanto os ingleses ficaram com o Egito, a Palestina, a Jordânia e o Iraque.

³ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114_estado_islamico_entenda_rb

permissão de viajar sem companhia de um parente do sexo masculino e, em público, devem sempre cobrir o corpo inteiro, entre outros exemplos de controle social.

Desde sua ascensão à liderança global da organização, o líder do EI e califa Abu Bakr al-Baghdadi vem sendo comparado ao mulá Omar, chefe da Al-Qaeda. O curioso é que essas comparações levaram os serviços secretos das forças ocidentais a subestimarem a ele e sua organização. Apesar dos métodos aparente medievais com que trata as questões de respeito à ordem jurídica e de controle social, classificar o EI como uma organização meramente retrógrada seria um erro. Enquanto os talibãs limitaram-se a escolas de ensino do Alcorão, por exemplo, **a globalização** [grifo meu], a consciência do poder midiático e as novas tecnologias foram as principais engrenagens do Estado Islâmico. Eis aqui nosso ponto de partida para os questionamentos a seguir.

Para Napoleoni (2015, p.13), o que difere essa organização de todos os outros grupos armados que a precederam, incluindo aí todos aqueles envolvidos na Guerra Fria, e o que explica seus enormes sucessos são a sua modernidade e seus pragmatismo. Seus líderes demonstram como nunca uma compreensão das limitações enfrentadas pelas potências contemporâneas no chamado mundo globalizado e multipolar.

Em suma, o objetivo do Estado Islâmico é forjar a encarnação do Califado em pleno século XXI. Em seu primeiro discurso como califa, al-Baghdadi prometeu “devolver aos muçulmanos a dignidade, o poder, os direitos e a do passado e conclamou médicos, engenheiros, juízes e especialistas em jurisprudência islâmica a se unirem a ele nesse esforço de liderança” (Napoleone, 2015, p.16).

Enquanto ele discursava, uma equipe de tradutores ao redor do mundo trabalhava para divulgar, quase que instantaneamente, o texto de seu discurso em sites *jihadistas* na web, bem como pelo *Facebook* e pelo *Twitter*, em vários idiomas, incluindo o inglês, o francês e o alemão, demonstrado aí mais uma vez o quanto este grupo faz-se uso das novas tecnologias da informação para suas ações de guerra.

Para muitos analistas das questões do Oriente Médio, o principal objetivo do EI é ser para os sunitas o que Israel é para os judeus; um Estado instalado em seu antigo território, restaurado nos tempos modernos; um poderoso Estado teocrático que os protege onde quer que eles estejam. O que nos dá pista para compreender a mensagem que é levada a jovens muçulmanos desprovidos de direitos nas periferias das grandes cidades globais.

2. A propaganda do medo

Percebe-se assim que os dirigentes do EI estudaram as táticas e a estrutura de outros grupos armados e aplicaram as lições aprendidas nesse processo em um novo contexto, agora global e digitalizado. Assim como as organizações armadas europeias das décadas de 1960 e 1970, tais como as Brigadas Vermelhas, na Itália, e o IRA, da Irlanda do Norte, o EI conhece muito bem o que denominamos “propaganda do medo”.

O uso constante de redes sociais para divulgar, entre audiências locais e globais, vídeos e imagens de grande apelo visual, com suas ações violentas. O medo é assim propagado, difundido, compartilhado na web. O mesmo medo do outro, que percorre o homem desde que este toma consciência enquanto ser social, agora de forma rápida e digital, na tela de um computador.

O Estado Islâmico tem plena consciência que atos de violência extrema vendem notícias e jogam com isso a seu favor. Num mundo sobrecarregado de informações, os meios de comunicação, operando vinte e quatro horas por dia, vivem à procura de imagens, contendo fatos sempre mais sensacionalistas.

O excesso de fotografias e vídeos exibindo punições e torturas brutais transferidos para servidores na web em formatos de arquivos que possam ser facilmente assistidos em telefones celulares. Em uma sociedade virtual, pacotes de informações embrulhadas com o papel de uma estética sedutora, mas que mais parecem grosseiras manifestações de sadismo torna-se fonte de grandes espetáculos. O espetáculo da barbárie a pleno vapor, vendido e consumido.

Ao assistirmos aos vídeos divulgados pelo EI observamos uma grande preocupação estética em torno da produção dos mesmos. São vídeos de alta produção e qualidade técnica por parte de seus produtores, que não deixam nada a desejar para produções hollywoodianas, por exemplo.

A maioria deles possuem em torno de 5 à 7 minutos de duração. No mínimo três ou quatro tipos de câmeras são utilizadas, diferentes enquadramentos, planos e ângulos de filmagem são comuns em todas as produções até agora disponibilizadas a partir da web.

O vídeo⁴ aqui escolhido para ser analisado trata-se da decapitação de 21 homens em uma praia deserta na Líbia, conhecida como costa *Wilayat Tarabulus*, um dos locais dominados pelo grupo no mar mediterrâneo. Tal vídeo está disponível em vários sites na internet e um dos mais acessados é justamente a página da jornalista e ativista americana Pamela Geller, conhecida mundialmente por sua postura de combate ao islamismo e a presença de muçulmanos em território americano.

Após apresentar os créditos da produção, como que se uma espécie de agência de propaganda denominada “*Alhayat Media Center*,” através de uma arte gráfica de alta definição, homens encapuzados vestindo preto aparecem caminhando ao lado de seus executantes, que vestem roupões de prisioneiros em cor laranja, à beira da praia, local onde serão realizadas as execuções. Todas estas primeiras cenas sofrem efeitos especiais muito utilizados em filmes de terror nos quais os atores aparecem e desaparecem subitamente na paisagem apresentada ao som de uma trilha sonora também muito comum em filmes do gênero.

Em seguida, como que se também um filme de ficção, sobe o letreiro com o título em inglês “*A message signed with blood to the nation of the cross*”⁵. Abaixo do mesmo, em letras menores, o título é também escrito em árabe. Depois, em plano em plano panorâmico aparecem os homens ainda caminhando em fila e a legenda com o nome do local é apresentado. Os homens param de caminhar e todos os que serão executados ficam de joelhos a frente daqueles que estão prestes a tirar suas vidas, agora tudo isso é filmado em plano geral. Em seguida, outra câmera movimenta-se em *travelling* e capta o rosto de todos sob a legenda “*the people of the cross, the followers fo the hostile Egyptian Church*”⁶. Neste momento, a câmera em plano americano foca naquele que parece ser o líder do grupo, com um capuz amarelo, roupas camufladas, ao estilo exército, segurando uma pistola com a mão esquerda, que começa então a discursar em inglês e apontar a arma para câmera. As primeiras palavras são de devoção ao Islã e em seguida, justifica a execução, como uma guerra contras os cristãos pecadores, em tom destemido e ameaçador.

⁴ <http://pamelageller.com/2015/02/watch-savage-video-the-islamic-state-releases-brutal-video-showing-twenty-one-christians-beheaded.html/> Acessado em 15 de outubro de 2015.

⁵ “Uma mensagem assinada com sangue para a nação da cruz” (tradução nossa).

⁶ “As pessoas da cruz, os seguidores da Igreja egípcia hostil” (tradução nossa).

Após a fala, o movimento zoom é utilizado para focar os rostos dos homens que serão executados. A tensão aumenta e as execuções começam. O barulho das ondas é substituído pelos gritos de dor e desespero. Uma nova legenda aparece enquanto as degolas acontecem: “*they supplicate what they worship and die upon their paganism*”⁷. A trilha sonora começa a tocar. É uma música árabe, aparentemente religiosa, somente com vocais, sem instrumentação. Os corpos degolados são filmados na beira da praia. Agora, o mesmo homem que havia feito o discurso inicial, é filmado de perfil durante sua última fala com uma faca apontada para o céu. A cena final, em plano detalhe, é o sangue escorrendo pelo mar, com as ondas vermelhas batendo na areia.

A partir desta breve descrição, podemos observar todo o cuidado estético disponibilizado na produção dos vídeos. Cada detalhe é cuidadosamente manipulado para gerar medo e pânico.

Definitivamente, o EI aprendeu lições também sobre o poder da propaganda com mais fontes mais próximas de seus territórios, as mesmas que os governos dos Estados Unidos e do Reino Unido usaram para justificar o ataque contra o Iraque em 2003 com certeza os inspiraram para o que agora é realizado. Graças a uma ampla e profissional utilização de redes sociais, o EI também produz tais vídeos e cria mitos igualmente falsos para fazer proselitismo, recrutamento e levantamento de recursos financeiros pelo mundo. Um dos mitos é justamente todo os segredos e mistérios em torno do líder Abu Bakr al-Baghdadi, um ex-prisioneiro norte-americano no Iraque.

3. O mundo regido pelo medo

Thomas Hobbes, citado por Safatle (2015, p.18) escreve que “de todas as paixões, a que menos faz os homens tender a violar as leis é o medo. Mais, executando algumas naturezas generosas, é a única coisa que leva os homens à respeitá-las”.

Nesse sentido, propõe Safatle, torna-se mais do que nunca necessário compreender as sociedades a partir com circuito de afetos, ou seja, partir dos modos de gestão social do medo, de sua produção e circulação enquanto estratégia fundamental de aceitação da norma vigente. Pois, segundo o autor, se todas as paixões, a que se mais sustenta o respeito às leis é o medo, então devemos começar a nos questionar como ele

⁷ "Eles suplicam o que eles adoram e morrem por seu paganismo" (tradução nossa).

é produzido, como ele é continuamente colocado em prática, mobilizado. A tese principal de Safatle é a de que:

“o medo como afeto político central é indissociável da compreensão do indivíduo, com seus sistemas de interesse e suas fronteiras a serem continuamente defendidas, como fundamento para os processos de reconhecimento (...) Interesses constituídos pelo jogo social de identificações e concorrências, pelo desejo do desejo do outro”(SAFATLE, V. 2015, p.19).

Em uma linha de raciocínio semelhante mas de forma mais generalizada, Todorov (2010) propõe uma nova divisão de mundo a partir dos sentidos, das formas de afeto, nos quais o medo serve para classificar um determinado grupo de países.

Seu argumento parte da premissa que, ao longo do século XX, a Europa foi dominada pelo conflito entre regimes totalitários e democracias liberais, assumindo a forma da chamada guerra fria global após a derrota do nazismo na Alemanha. Para ele, era fácil identificar, de um lado, o bloco dos países comunistas, estendendo-se da Alemanha Oriental até a Coreia do Norte, dominado em um primeiro momento pela União Soviética. Do outro, a ‘cortina de ferro’ composta por países ocidentais, o ‘mundo livre’, formado essencialmente pelos países da Europa Ocidental e América do Norte, liderados pelos Estados Unidos. Fora desse antagonismo, estava o chamado terceiro mundo, que seria um conjunto heterogêneo, de países não alinhados, alguns politicamente neutros.

Atualmente, segundo o autor, o mundo estaria dividido em quatro diferentes grupos a partir de termos que dizem respeito as formas de sentir do indivíduo que seriam: *apetite*, *ressentimento*, *medo* e *indecisão*.

O primeiro grupo, do *apetite* é composto por países que experimentam o sentimento de que, por diversas razões, tem sido descartada na distribuição das riquezas e, que, atualmente, tenha chegada a sua vez. “Os habitantes destes países pretendem tirar proveito da mundialização, do consumo, do lazer, e para atingir tal objetivo não regateiam qualquer recurso” (Todorov, 2011, p.10). O Japão seria um exemplo, seguida por outros países do Sudeste Asiático e, recentemente, pela China e Índia. Outros países, segundo ele, estariam prestes a seguir a mesma via, entre elas o Brasil, México e África do Sul.

O segundo grupo de países é aqueles em que o *ressentimento* desempenha o papel essencial. Para o autor, essa atitude resulta de uma humilhação, real ou imaginária, que lhes teria sido infligida pelos países mais ricos e mais poderosos; ela

está disseminada, em diversos graus, em uma boa parte dos países cuja população é majoritariamente muçumana, entre eles a Síria e o Iraque onde está localizado o Estado Islâmico. Há já algum tempo, ela está presente, também, em outros países asiáticos ou em alguns países da América Latina. O alvo do ressentimento é constituído pelos antigos países colonizadores da Europa e, de maneira crescente, pelos Estados Unidos.

O terceiro grupo distingue-se pela posição atribuída por cada um ao sentimento de *medo*. Trata-se de países que constituem o ocidente e haviam dominado o mundo há vários séculos. O medo desses países respeito aos dois grupos precedentes, embora seja de natureza diferente. Em relação aos países do apetite, as nações ocidentais e, singularmente, europeias, receiam a força econômica. Em suma, eles têm medo de serem dominados, do ponto de vista econômico.

Já sobre os “países do ressentimento”, o qual habita nossa análise, explica o autor, eles temem os ataques que tais países poderiam desferir, além dos atentados terroristas e das explosões de violência, a ameaça relativa às medidas de revide de que eles seriam capazes no plano energético uma vez que, em seus territórios, se encontram as maiores reservas de petróleo.

Por último, estaria o grupo dispersos em vários continentes, designado pelo termo de *indecisão*. Aqui, encontram-se os membros que correm o risco de ficar, um dia, sob influência do *apetite*, assim como do *ressentimento*; mas, por enquanto, permanecem fora dessas obsessões.

De acordo com Todorov (2010. p.14), o medo, assim, torna-se um perigo para aqueles que o experimentam. “Eis porque se deve evitar que ele venha a desempenhar o papel de paixão dominante; inclusive ele é a principal justificativa para os comportamentos qualificados, muitas vezes como desumanos”. Desta forma, para o autor:

“o medo dos bárbaros é o que ameaça converter-nos em bárbaros”. E o sofrimento que vamos nos infligir irá superar aquele que havia provocado nosso receio. A história nos ensina: o remédio pode ser pior que a enfermidade. Os totalitarismos apresentaram-se como um recurso para sanear a sociedade burguesa de seus defeitos; e acabaram engendrando um mundo mais perigoso do que aquele que havia sido alvo de seu combate”. (TODOROV, T. 2010, pág. 15).

Assim, a partir da ideia de “consideração” de Rousseau, Todorov argumenta que o outro passa já não mais ocupar uma posição comparável ao eu, e sim contínua e complementar, em outras palavras:

É necessário para minha própria completude. Os efeitos dessa necessidade assemelham-se aos da vaidade: deseja-se ser olhado, busca-se a estima pública, tenta-se despertar o interesse dos outros para seu destino; a diferença é que se trata de uma necessidade constitutiva da espécie, tal como a podemos conhecer, e não como um defeito (Todorov, 1996; p. 25).

4. As consequências da dualidade

O escritor árabe-brasileiro, Mansour Challita (1971), ao comparar o movimento sionista e dos árabes no mundo moderno destaca a importância das imagens na construção do imaginário coletivo. Para ele, a propaganda sionista sempre se esforçou para apresentar o conflito como uma batalha entre civilização e barbárie. Por exemplo, segundo Challita, durante os conflitos de 1967, imagens na televisão em todo o mundo mostravam soldados israelenses equipados com modernas armas enquanto os árabes eram vistos como beduínos montados em camelos com precários fuzis. A propaganda de Israel, segundo o autor, foi a vanguarda de seu próprio exército.

Nas palavras de Bhabha (1998), o estereótipo apresenta uma função. O de fobia e fetiche, medo e desejo. Para ele, as representações do outro colonizado, subalterno, precário sempre oscilam entre aversão e apego. Significa assim, que mesmo com a intenção de desqualificar o ‘outro’, o ato de representá-lo de maneira estereotipada envolve sentimentos ambíguos que tornam o sujeito representante e o sujeito representado partes de um mesmo processo, fundado na interatividade e na reciprocidade de trocas simbólica.

Gustavo Said (2008) aponta que Bhabha percebe que o problema de representar uma cultura estaria ligado a uma teoria do discurso, provavelmente retornando a Foucault (1972), ao afirmar que a ideia do conhecimento produzido sobre uma cultura é um texto inscrito numa lógica de produção de poder” (Said, 2008, p.174).

Desta forma, formaram-se também categorias reificadas que deram origem em um processo no qual se reafirmaram e ainda reafirmam-se crenças na formação histórica de diferenças culturais irreconciliáveis entre aquilo que denominamos Ocidente e Oriente.

Tanto Said (2008) quanto Todorov (2010) fazem duras críticas ao livro de Samuel Huntington “O Choque de Civilizações” (1993), de grande difusão e que inspirou e inspira até hoje algumas opções políticas.

Concretamente, observa Todorov (2010, p.104), Huntington afirma que o bem-estar dos ocidentais (norte-americanos e europeus) estaria ameaçado, além de sugerir

uma solução para este problema ao sugerir que os conflitos mais perigosos ocorrem nos dois lados da linha que separa as principais civilizações do mundo e vai além ao insistir que a sobrevivência do Ocidente dependeria da reafirmação pelos norte-americanos de sua identidade ocidental, dizendo que os ocidentais precisariam se unir para revigorar a civilização deste lado do planeta contra os não-ocidentais.

Para refutar tal ideia, Todorov sugere por exemplo, que não haver elementos suficientes para determinar unidade de tais civilizações como Islã, que possui mais de 1 bilhão de adeptos e diversas vertentes.

O cristianismo florescente na Europa, é uma importação do Oriente Médio, assim como o budismo, originário da Índia, marcará sobretudo os países da península indochina, a China e o Japão. No entanto, para Huntington, tais intercâmbios e misturas não atingem, profundamente, a originalidade de cada civilização (TODOROV, T. 2011, p. 106).

Assim como Todorov, Gustavo Said (2008, p.166) aponta que, as duras críticas a à Huntington, acontecem pelo fato de autor considerar as categorias de ‘ocidente’ e ‘oriente’ de forma fixa, simplista e reificada. Além de fazer alusão à existência de dias “supra civilizações”, capazes de reduzir o universo das práticas culturais a duas únicas matrizes, desprezando as inúmeras qualidades constitutivas dos diversos contextos nacionais e regionais”.

Em paralelo às críticas acadêmicas, Said (2008, p.167) aponta em seu estudo de tese que as “identidades de árabes e americanos foram sendo construída simbolicamente, no âmbito da grande produção cultural industrializada com base na divisão material lançada por Huntington”.

Além disso, a própria ideia reforçada por Huntington de uma guerra entre o Islã e o Ocidente impulsiona as próprias declarações dos jihadistas e servem ainda mais para recrutar novos adeptos, como observamos no caso do Estado Islâmico e no discurso do vídeo analisado.

“Huntington teria imaginado que suas teorias seriam defendidas pelo mais popular desses chefes? Em 20 de outubro de 2001, o jornalista de Al-Jazira pergunta ao interlocutor: Qual é sua opinião sobre o que diz do “choque de civilizações”? E Osama Bin Laden responde: “Acho que não há qualquer dúvida a esse respeito. O ‘choque das civilizações é uma história bastante nítida, comprovada pelo Alcorão e pelas tradições do Profeta; assim, ao proclamar sua fé, nenhum verdadeiro crente deveria duvidar dessas verdades’. Outros islamistas publicaram, em 2002, uma brochura intitulada *A inevitabilidade do choque das civilizações*” (TODOROV, T. 2011, p.109).

Conclusão

Qual a diferença entre um kamikaze japonês, um homem-bomba árabe e um *drone* militar norte-americano? A resposta, mesmo que simplista, pode nos ajudar a compreender melhor este mesmo sentimento de medo constante em que vivemos hoje. O primeiro utiliza o nacionalismo como argumento para tal ato suicida; o segundo, a religião e a entrada para o paraíso com suas 72 virgens; o terceiro, a máquina, legitimado pelo mercado com as mãos limpas de sangue e as chamadas retaliações cirúrgicas controladas à distância por alguém em um computador. Em comum, todos geram violência, atrocidades e medo de algo que não podemos ver muito ver e identificar. Crianças foram e serão mortas, inocentes civis continuarão sofrendo as consequências em Londres, Bagdá, Nova York, Beirute, Damasco, Rio de Janeiro, Bogotá, Cape Town, Kampala e Bombaim.

Como observamos, além de estimular e legitimar atitudes de extrema violência de ambos os lados, a tese do ‘choque’ desencadeia uma onda de grande entusiasmo na esfera da influência de autores que acreditam na guerra, no conflito e nunca em um possível diálogo. Para estas pessoas, a paz perpétua de Kant jamais será alcançada.

A contrapartida simbólica que o ocidente denominou de mundo civilizado pode agora ser facilmente identificada nos atos do EI. A reafirmação da violência é levada ao pé da letra, consolidada através dos mesmos meios de comunicação que ajudaram a estigmatiza-los, repletos de símbolos, imagens e efeitos semânticos que propagam o pânico de sermos simplesmente ocidentais. Esquecem, eles, que o medo é uma questão universal e não exclusiva de somente uma parte do planeta.

Referências bibliográficas

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.

NAPOLEONI, Loretta. **A Fênix Islamista: O Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SAFATLE, Vladimir. **O Circuito dos Afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosacnaify, 2015.

SAID, Edward. **O Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SAID, Gustavo (Org.). **Comunicação: novo objeto, novas teorias?** Teresina: EDUFPI, 2008.

TODOROV, Tzevtan. **O Medo dos Bárbaros: Para além do choque das civilizações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **A Vida em Comum: Ensaio de Antropologia Geral**. São Paulo: Papyrus, 1996.